



Quando a filha de Raquel
completar seis meses,
terá que deixar a cadeia,
onde vive com a mãe

ATÉ O ÚLTIMO DIA

A expectativa de
recomeçar a vida longe
dos muros da prisão

TEXTO | ISMAEL DIAS e PEDRO BALTAZAR
FOTOS | MANUELA QUADROS

Os muros altos e o grande portão deixam claro: aquela não é uma casa qualquer. Após tocar a campainha, o portão se abre lentamente. Da portaria, durante os 20 minutos de espera, é possível ver algumas mulheres. Umhas estão grávidas e circulam livremente pelos corredores. Seus olhos não escondem a curiosidade e parecem questionar: "Quem são esses que vem lá de fora?" Sentados em um pequeno sofá, um homem e uma mulher checam uma lista de supermercado. "Na dúvida tem que conferir de novo. O troco tem que estar certinho. Isso aqui é cadeia!", afirma a detenta responsável pelas compras. De repente, outra aproxima-se do balcão da recepção e pergunta: "Tem carta pra mim?" "Sim. Hoje os carteiros lembraram de vocês", diz a agente penitenciária. A detenta pega as cinco cartas e, dando gritos de alegria, sobe as escadas que levam ao segundo andar da Casa de Albergue Feminino, o CAF, em Porto Alegre. É nesse local que cerca de 80 mulheres cumprem o restante de suas penas em regime semi-aberto. A maioria condenada no artigo 33 da Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, que institui crime a posse e tráfico de drogas. De acordo com Rosane Virote, diretora da CAF, muitas dessas mulheres que hoje estão no regime semi-aberto foram presas acusadas pela crime que elas chamam de "mula", que é o ato de transportar drogas, geralmente para dentro do presídio.

É o caso de Raquel*, 27 anos, mãe de três meninas. A filha mais nova, de apenas dois meses, é carregada por ela durante toda a entrevista, as outras duas são criadas pelo pai. Raquel diz que caiu nesse crime por pura curiosidade. Queria muito conhecer o presídio masculino, saber como os presos vivem. Pelo breve período em que esteve separada do marido, conheceu um presidiário e já na quarta visita que fazia à cadeia foi pega com 100 gramas de crack. "Eu mesmo me entreguei na portaria, comecei a tremer, fiquei nervosa. A policial me olhou e na hora disse: Tu tem droga!!! Comecei a chorar e entreguei", lembra Raquel. Ela diz ter pensado que, por ser ré primária, não iria para a cadeia. Entretanto, um mês após o flagrante foi condenada a quatro anos de reclusão.

A vida na cadeia

O sonho da liberdade de muitas mulheres se inicia com o pedido de condicional. Dois anos após começar a cumprir a pena na Penitenciária Estadual de Jacuí, na cidade de Charquedas, no Rio Grande do Sul, Raquel recebeu a notícia de que seu pedido de condicional tinha sido aceito. "Algumas pessoas precisam sentir na pele para aprender. Aprendi. Em um lugar como esse nunca mais!" No regime semi-aberto as detentas podem exercer um trabalho externo durante o dia, assim como realizar saídas programadas para visitar os parentes e amigos. No albergue, Raquel conta que precisa limpar banheiros para desconhecidos. "Eu tinha de tudo, uma vida de princesa. Apesar disso achava que nada estava bom, sempre faltava alguma coisa. Odiava fazer faxina em casa. Ser dona de casa era algo terrível."

A esperança de buscar uma nova vida livre e reencontrar a verdadeira felicidade longe das grades e dos muros também faz parte do cotidiano de Deise Figueiredo Vaz, de 32 anos, presidiária que trabalha na cozinha da Casa. Enquanto esperávamos, foi ela quem nos preparou um café com direito a pães e condimentos. Em nossa conversa, ela explicou que para cada três dias trabalhados, a pena é regredida em um dia. Mas Deise não trabalha apenas pela redução da sua sentença. Ela nos conta, com sorriso nas orelhas, que gosta mesmo de cozinhar. "Já tenho até um emprego em um restaurante garantido para quando sair daqui e, se tudo der certo, pretendo ter meu próprio negócio, uma lancheria", ressalta, com brilho no olhar.

Antes de contar o motivo que a levou até ali, ela interrompe. Pede para alguém olhar o pudim que está preparando. Deise é comunicativa, conhece bem os artigos e os direitos que tem dentro e fora da cadeia, apesar de afirmar que se tivesse um advogado teria conquistado a condicional. Mas o que mais inquieta Deise é sua filha de dois anos. Ela descreve, preocupada com o futuro da menina que atualmente mora com o pai, que a pequenina não quer mais comer em prato comum, quer comer em um igual ao que Deise usa na Casa, uma bandeja com divisórias. "Quero orientar minha filha, falar da realidade da vida, contar o que passei para que ela não tome o mesmo rumo", argumenta.

Deise, ao contrário de Raquel, garante que tinha experiência com o tráfico. Ela contratava outras mulheres para introduzir a droga no presídio masculino. Para cada grama de droga que conseguiram levar para dentro da cadeia, ela pagava R\$ 1,00. "Depois que meu marido foi preso, eu tive que aprender as táticas do tráfico, estava desempregada e precisava alimentar minha filha", justifica. Entre as maiores loucuras que diz ter cometido, Deise relata o momento em que ela e o marido conseguiram enganar uma barreira policial. "Imagina! Estávamos eu e meu marido em uma moto. Eu estava grávida e nas costas carregava em uma mochila com as coisas da minha filha e em outra dois tabletes de maconha. Fiz cara de dor. O policial perguntou se eu queria uma sirene para ir abrindo o caminho e eu disse: 'Não vem com sirene pra cima de mim, eu quero é um hospital'. E passamos, livremente."

Mas a sensação de liberdade estava com os dias contados. Deise relembra o período de reclusão que ela mesma considerou um dos piores da sua vida. "No presídio de Jacuí eu ficava em uma

cela com 15 mulheres, a porta fechada. Perto dos muros, não existia nada, não dava para ver uma casa ou um carro". Deise continua, dizendo que quando chegou ao presídio feminino Madre Pelletier, em Porto Alegre, o reencontro com a cidade grande, e conseqüentemente com a poluição, foi motivo de graça com as outras detentas. Deise brincava que conseguiria reconhecer o tipo de combustível utilizado em cada carro que passava na rua próxima ao presídio: "Esse é a álcool, esse é a gasolina." E quando as companheiras de cela questionavam como que ela sabia, respondia: "Fica um ano fechada dentro do mato pra ver se tu não vai reconhecer".

Em suas lembranças, durante esse tempo de reclusão, está o momento em que recebeu a notícia de que deixaria a apertada cela e iria para o semi-aberto. "Quando me disseram que era para arrumar minhas coisas que eu iria sai dali, caí sentada e comecei a chorar de felicidade", conta Deise, ressaltando que, diferente do presídio, no albergue ela pode ir até o pátio. "Aqui me sinto como um passarinho fora da gaiola." Por enquanto essa é a maior sensação de liberdade que ela pode experimentar, já que ainda não recebeu liberação para sua primeira saída.

Deise sabe que na primeira vez que sair com a cabeça erguida pelo portão será difícil resistir à tentação de ficar do lado de fora. "Eu pretendo retornar, agora falta pouco, sei que a minha filha espera por mim e não quero estragar tudo", garante ela, afirmando que diversas vezes se pega olhando para o muro com o pensamento de ir embora, mas que está resistindo à tentação.

De acordo com a diretora Rosane Virote, o ambiente de trabalho dentro da Casa é difícil. Ela afirma que muitos de seus colegas precisam de acompanhamento psicológico para lidar com a pressão de ficar em reclusão junto com as detentas. "Ficamos com as mãos atadas diante dos casos complexos de cada detenta. Não temos como resolver os problemas e isso nos aflige."

Jaqueline Chagas, que atua há oito anos como agente penitenciária, afirma que trabalhar dentro da Casa é uma tarefa árdua. "Eu trabalho durante 24 horas consecutivas em regime de escola e, quando atravesso aquele portão, sinto um alívio." Com isso, Jaqueline diz imaginar o tamanho da ansiedade das presas que chegam ao semi-aberto depois de anos em regime fechado. Rosane afirma que em onze anos como agente penitenciária já viu presas cumprirem a pena e não quererem ir embora. "Na prisão, elas têm comida, médico e outros recursos que lá fora, para a grande maioria, serão de difícil acesso", frisa.

Acreditar no futuro é preciso

Tanto Deise quanto Raquel acreditam que não será fácil recomeçar a vida fora das grades e dos muros altos. Na primeira semana do mês de outubro, Raquel se preparava para fazer a sua primeira visita externa e reencontrar a liberdade, mesmo que momentaneamente. Ela queria abraçar, dormir agarradinha com suas filhas, protegida em sua casa, junto com o marido que logo depois da prisão de Raquel reatou o relacionamento com ela. Mas antes disso, terá que se despedir da filha que carrega nos braços, já que o bebê de dois meses deverá sair do CAF quando completar seis meses de vida. "Eu sei que é a lei, terei que deixar minha filha com o pai, assim como já deixei as outras duas, até nos reencontrarmos



Olhando para o muro,
Deise resiste à ideia
de ir embora

do lado de fora”, acredita Raquel, sonhando com o momento do reencontro, quando estará livre para seguir a sua vida e trilhar o seu próprio caminho.

Nas palavras de Deise, para a sociedade, quem vai preso uma vez não vale nada. “É bandido, traficante, ladrão para o resto da vida. Eu sei que lá fora existe gente muito preconceituosa, já sentia isso por ser negra e, quando sair daqui como ex-presidiária, o preconceito deve aumentar.” Apesar disso, ambas acreditam que há uma nova vida, com novas oportunidades esperando por elas lá fora.

Nosso tempo acaba. Nos despedimos de Deise que volta à cozinha, é hora do café. Raquel volta ao berçário de seis metros

quadrados que divide com outras seis mulheres, algumas com recém-nascidos, outras ainda grávidas. Na verdade, o espaço nada mais é do que uma cela especial para as detentas que estão grávidas ou que recém tiveram seus filhos. Quando prometemos enviar pelo correio a reportagem pronta, Deise brinca: “Pode enviar, eu vou estar por aqui mesmo”. O portão se abre, vamos embora e deixamos para trás duas mulheres, cujas histórias retratam a de tantas outras que, por curiosidade ou necessidade, acabam encontrando no tráfico o caminho certo para a despedida da liberdade.

(*) O nome foi alterado

IMPRESSÕES DE REPÓRTER

No dia em que entramos na Casa Albergue, não imaginávamos que teríamos um encontro com um mundo tão diferente e distante de nossa realidade. Um encontro que permitiu perceber que, por trás dos números e das estatísticas apresentadas quase que diariamente nos noticiários, existem pessoas. No ambiente isolador e sub-humano, há tristeza, dor, pranto. Mas há espaço para arrependimento e para sonhar com um futuro melhor. Há também espaço para o humano. Essa percepção foi

possível no momento em que decidimos focar nas expectativas, nas sensações de estar livre e preso. E, como consequência, encontramos mais do que detentas, encontramos pessoas que fizeram escolhas erradas, mas que também são vítimas de uma sociedade que cada vez mais ignora o fato de que apenas um sistema de políticas públicas pode restaurar essas vidas. É melhor trabalhar na prevenção através da educação, da saúde, do emprego, dando dignidade a todos.